MADRE MARIA PENHA em DE SETEMBRO

Estamos já no mês de setembro, data de onomástica da despedida de nós de Madre Maria Penha da Cruz. Queremos fazer memória de seus últimos momentos e despedida que estão recolhidas no livro que seu irmão Carlos, diácono escreveu na sua memória. Agradecemos a ele que já está junto de sua irmã, o fato de transcrever as notas escritas pela sua irmã e comenta lãs para nós com muito amor.

Um ano antes da sua morte ela escreve assim :

*“Para o caso de desânimo por não me conseguir ver livre da curiosidade e, por conseguinte das distrações na oração. Se não conseguir vencer a curiosidade e as distrações na primeira ocasião, não hei de desanimar. Hei de lutar até a morte e, se nesta hora Nosso Senhor me encontrar lutando, sei que ganharei a palma dos esforçados, porque Nosso Senhor quer a luta e não exige a vitória. Se, depois de uma hora de oração, ao fazer o exame, vejo que, apesar de haver lutado toda a hora, não consegui me livrar das distrações e dos pensamentos importunos, não quero desanimar. Oferecerei esta hora de lutas a Jesus Ele, vendo meus esforços e sofrimentos, certamente ficará contente. Mãe Santíssima, que eu pense sempre assim. Confio e espero em tua proteção: sem ti, sei que nada poderei fazer de agradável a Jesus. Nada temer! Com Deus, com sua graça, podemos vencer todos os demônios.* (1962).

E muito perto da sua despedida definitiva:

*Tenho dobrada obrigação de ser santa e santa muito grande, para pagar-te tanto amor. Muito obrigada, Jesus! Muito obrigada, Mãe Santíssima”* (1963).

A sua doença e morte

**15 de setembro de 1963**

A morte sobreveio para Madre Maria Penha da Cruz no dia em que a Igreja comemora Nossa Senhora das Dores, 15 de setembro. Era o dia seguinte ao da festa da Exaltação da Santa Cruz.

Eram 15 h, horário que também se atribui ao momento da morte de Jesus na Cruz.

Junto à penha em que Jesus foi crucificado, estava Maria Santíssima, a Mãe das Dores.

E fora em homenagem à Senhora das Dores, que nossa biografada tomara, desde o início, o seu nome religioso de Maria Penha da Cruz. Impressionantes coincidências!...

Poderá parecer, a quem queira estabelecer a analogia entre o nome religioso de Maria Penha da Cruz e as efemérides litúrgicas que ocorreram simultaneamente com o seu desenlace desta vida, que haja nisso um evidente sinal, para nós.

Sobre esse sinal, caberá a cada um realizar as suas próprias reflexões e daí recolher, quem sabe, a mensagem que descobrirá lhe estar sendo revelada!

Maria Penha da Cruz um dia escreveu assim em seu caderno de anotações:

*“Quando, rendido de dor, no leito, meu corpo gemer, e apodrecido, sofrer, quero que a alma, Senhor, não se acovarde; e sorrindo, te ofereça as dores para que reines em todos os corações. Quando esse dia chegar, ajuda-me; e, se tua graça me acompanhar, ao lado de tua Mãe sofrerei contente.”* (1959)



**Túmulo de Irmã Penha em Brasília**

Da religiosa que era sua superiora na casa pioneira em Brasília, recebemos este extenso e cálido testemunho: “Estejam tranquilos. Ela teve uma morte serena e nada lhe faltou, nem espiritual, nem material. Tudo foi feito para salvá-la, mas a meningite é traiçoeira.

Vou agora contar a rápida doença que em tão poucos dias no-la levou.

No dia 30 de agosto (1963), festa de S. Rosa de Lima, levantou-se para a S. Missa, mas depois do café, pediu-me para deitar-se um pouco, pois estava há alguns dias com uma gripe benigna. Na hora do almoço levantou-se e fez a refeição com todas; porém, à tarde, deitou-se novamente. Disse-lhe que não se levantasse no dia seguinte, mas ela foi a primeira a fazê-lo e, ao dirigir-se ao banheiro, gritou: “Madre! Madre!”

Fui correndo e a encontrei meio desmaiada. Levamo-la para a cama, onde se repetiu por duas vezes essa espécie de desmaio, mas sem chegar a perder os sentidos. Depois, os perdeu uma única vez, rapidamente.

Chamamos o médico, que imediatamente chegou: olhou sua pressão, a temperatura, auscultou o coração, etc. e receitou cloromicetina para baixar a febre. Não deixou de tomar essa medicação, dia e noite, pois o doutor achava que poderia ser tifo e que seria conveniente, até, que uma só pessoa tomasse conta dela e lhe desse os remédios às horas indicadas.

Eu mesma me fiz sua enfermeira permanente e nunca mais me separei dela, até o triste momento de seu sepultamento.

Mas começava a melhorar e o médico permitiu que se levantasse nos dias 6, 7 e 8, saindo um pouco do quarto, mas estava muito fraca. Dia 8 domingo, chegou até a ir à capelinha assistir à S. Missa, e todas estávamos tão contentes com essas suas melhoras, quando, segunda-feira, dia 9, acordou numa prostração tal que telefonamos ao médico para que viesse imediatamente.

O doutor mandou-lhe dar novamente a cloromicetina, que havia suprimido ao desaparecer a febre, e começou a dar-lhe soro, pela veia, pois desde esse dia já não se alimentava. Dia 11, quarta-feira, o tifo se havia complicado com meningite. Fez-se mister levá-la para o hospital. Foi internada dia 12, às 3 horas da tarde, ficando eu e outra irmã em sua companhia.

As convulsões causadas pela doença não a deixavam quieta nenhum minuto. Tinha que estar continuamente com soro, e por isso não mais a deixamos sozinha.

Veio um neurologista, que confirmou o diagnóstico e retirou líquido de sua espinha para análise. Então passaram a aplicar-lhe injeções de sulfa a cada duas horas e ela começou a reagir bem. Pedia para rezarmos com ela e respondia perfeitamente.

Porém, domingo, dia 15 de setembro, às 10 horas da manhã, entrou numa inconsciência completa e às 15 horas, deixou este vale de lágrimas para ir gozar do merecido descanso eterno.

Ainda hoje parece-me sentir o último bater de seu coração, que foi por mim recolhido... Seu coração que tanto amou as almas, por elas dando a sua vida.

Trabalhou na vinha do Senhor até o fim e só se entregou quando não pôde mais.

Sua morte ainda está sendo choradíssima pela Comunidade das Irmãs e pelas jovens acolhidas desta casa; foi, para todos nós que com ela convivemos, uma dolorosa surpresa.

A Rvda. Madre Provincial chegou sábado de manhã; Madre Penha, em seu leito de moribunda, ainda a reconheceu. Foi sepultada com numeroso acompanhamento, pois era muito querida por toda Brasília, onde era muito conhecida.

Os pobres, seus prediletos, quando acodem, agora, à nossa porta, e não a encontram, choram e pedem seu retrato para terem uma recordação.

Tudo isso consola a gente, ao ver como ela era querida.

Os religiosos e religiosas de Brasília, encabeçados pelo Rvdo. Arcebispo D. José Newton, participaram do cortejo fúnebre.

D. José Newton a conhecia e a fora visitar no hospital, deixando-lhe um crucifixo, onde ela veio a depositar seu último beijo. Antes de seguir a Roma, para participar do Concílio Vaticano II, D. José Newton veio celebrar uma S.Missa em nossa capelinha, nas intenções da alma de Madre Penha. Ao sermão, falou palavras tão consoladoras que nos encheu a alma de paz. Referiu-se ao entusiasmo de Madre Penha por Brasília.

Ela entregou sua alma a Deus beijando o crucifixo que lhe trouxera o Sr. Cardeal Arcebispo de Brasília. Esta preciosa relíquia foi confiada, por uma atenciosa deferência de sua Superiora, aos seus familiares. Ele tem sido muito venerado, e uma cunhada e um sobrinho relatam graças importantes que atribuem à intercessão de Maria Penha da Cruz.

**Repercussões do falecimento**

Nas casas da Congregação por onde Irmã Maria Penha da Cruz viveu, a notícia de seu falecimento foi motivo de tristeza e, ao mesmo tempo, terna alegria pela lembrança de sua presença cativante.

*“Nunca a pude surpreender na menor falta à caridade. Descobria mil maneiras de aliviar a todas quando, de longe, vislumbrava alguma preocupação, tristeza ou aborrecimento. Como era de constituição delicada, sabia muito bem avaliar as necessidades de suas coirmãs”.21*

*“Por todas as suas virtudes, que se conheciam e transpareciam nela, era muito querida nesta casa. Não só pelo útil e necessária que era, senão pela caridade e bom ambiente que fazia.” 22*

Quando de sua morte, as empregadas domésticas da casa de Belo Horizonte, nada mais podendo fazer exceto orar, reuniram a quantia necessária para mandar rezar diversas missas. As meninas recorriam à Irmã Penha sempre que precisavam; era como uma mãe. Madre Penha estava sempre disposta a ajudar, a ser útil, presença amiga e instrutora dos deveres cristãos.

Era com Madre Penha que as empregadas domésticas iam conversar sobre seus problemas. Com todas, era sempre generosa. Era zelosa especialmente com as meninas negras. Nunca esqueceu o que prometeu em sua profissão: dar a vida pela última de todas as empregadas domésticas, se preciso fosse. *“Não havia pessoa que conhecendo-a, não a amasse”23.*

*“Em nossa casa de Penápolis, São Paulo, Madre Maria Aparecida do Sagrado Coração, prefeita das internas, socorreu-se da intercessão da falecida Maria Penha Cruz, dizendo: ‘ Madre Penha, se estás no céu, dá-me por sinal que eu receba rosas antes de romper o silêncio maior. Isso foi na hora do café. Aí, chamaram duas vezes na portaria da casa, mas eram para a professora e umas meninas. Quando Madre Maria Aparecida estava levando a xícara de café aos lábios, tocou pela terceira vez a campainha e era com ela que queriam falar. Uma menina trazia um ramo de rosas, dizendo: ‘ Madre, mamãe mandou este ramo de rosas’. E a Madre indagou: ‘Menina, são para mim ou serão acaso para a nossa capela?’. ‘São para a senhora, respondeu a menina’. E era o terceiro dia da morte de Maria Penha Cruz.”24*